

Ensaio

A dor de quem parte, a dor de quem fica: migrações, cidades e pandemia.

Lidiane M. Maciel

Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP), São José dos Campos São Paulo, Brasil. E-mail: lidiane@univap.br.

Objetivo: realizar uma análise de conjuntura sobre as migrações no contexto da pandemia, considerando a hipótese do aprofundamento da precariedade entre diferentes grupos de migrantes presente nas cidades brasileiras. O sociólogo francês Abdelmalek Sayad demonstra em sua extensa obra sobre migração que a condição migratória tem como característica o sofrimento, desta forma é possível, encontrar na obra do autor aspectos reflexivos semelhantes aos propostos por David Le Breton. Verifica-se que a pandemia do novo coronavírus (COVID-19) alterou profundamente as jornadas migratórias nas cidades brasileiras, sejam elas de migrantes internos ou internacionais, investigar a dor da condição desses grupos é uma emergência.

Palavras-chaves: cidades, migrações, pandemia, sofrimento.

Introdução

*Mande notícias do mundo de lá
Diz quem fica
Me dê um abraço, venha me apertar
Tô chegando
Coisa que gosto é poder partir sem ter planos
Melhor ainda é poder voltar quando quero
(Encontros e despedidas – Milton Nascimento e Fernando Brant (1985).*

A consolidação do capitalismo no eixo ocidental elevou as cidades como lócus administrativos e produtivos, este fato favoreceu a concentração da população em áreas urbanas e estimulou a mobilidade humana. Termos como *Êxodo, refúgio, estrangeiro, imigrante*, povoam o imaginário social a pelo menos dois séculos, e desafia a ciência social na criação de categorias explicativas. Na contemporaneidade, cidades globais, por exemplo, mostram que as escalas não possuem mais hierarquias rígidas, as redes de diferentes tipos se estabelecem entre o local e o global. De acordo com Sassen (2010) a mão de obra imigrante é uma categoria transnacional importante na vida cotidiana das cidades. Nos últimos anos as questões migratórias tomaram grande relevância no debate internacional. A crise dos refugiados no início do século XXI evidenciou internacionalmente as problemáticas da ordem política e estrutural econômica atingindo diferentes países, incluído o Brasil.

A partir dessas considerações, verifica-se que “o cenário das migrações internacionais no século XXI tem sido marcado por movimentos migratórios que incluem percursos, cada vez mais intensos, entre os países do Sul global” (BAENINGER, 2018, p.14). Cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, edificadas em um passado recente com mão de obra migrante internos e internacionais, fazem parte das atuais rotas de migrantes, em especial, da América Latina, Ásia e África.

Em 2015, segundo o SINCRE – Sistema Nacional de Cadastramento de Registro de Estrangeiro da Polícia Federal e Ministério da Justiça, analisando os últimos quinze anos confirmava a concessão de 833.682 registros para estrangeiros, 58,2% foram vistos temporários, 38,4% permanentes e

3,4% provisórios (BÓGUS; FERNANDO, 2015). A maior parte destes vistos eram dado a pessoas do sexo masculino sendo 65,9% dos registros, e 34,03% do sexo feminino. Dentre eles se destacam os pedidos de vistos de permanência dos bolivianos, haitianos e chineses.

Três anos depois, em 2018, segundo dados do Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE), havia 1.086 pessoas em situação de refúgio no Brasil, no acumulado dos anos o País contava com 11.231 pessoas reconhecidas por este estatuto. Os sírios representavam 36%, os congolezes ocupavam o segundo lugar com 15% e os angolanos, com 9%. No entanto, registra-se que no mesmo ano foram realizadas cerca de 80 mil solicitações sendo 61.681 apenas de venezuelanos, seguido pelos haitianos, com 7 mil solicitações. Na sequência estão os cubanos (2.749), os chineses (1.450) e os bengaleses (947). Há uma concentração de pedidos nos estados de Roraima, Amazonas e São Paulo.

No entanto, mesmo destacando a relevância dos processos de migração internacional, é necessário se atentar que os processos de deslocamento interno marcam as cidades brasileira, em especial, aquelas com mais de 500 mil habitantes. Dota e Queiroz (2019), apontam que o volume da migração variou entre os períodos 2010/2015 e 2000/2005, mas se fazem presentes. Destacam os autores que “Dos mais de três milhões de migrantes inter-regionais do período 2000/2005, o Sudeste predominava quanto ao saldo migratório negativo, de pouco mais de 315 mil pessoas, enquanto o Centro-Oeste, do outro lado, apresentou saldo positivo de mais de 222 mil pessoas” (p. 424). No caso do Nordeste, a saída de pessoas “definitivamente”, diminuiu nos últimos anos, ocasionadas por inúmeros fatores. No entanto, pesquisa qualitativas (MACIEL, 2018; PEREIRA, 2019), apontam a imensa gama de migrantes temporários, dificilmente registrados por pesquisa censitárias.

Durante a pandemia ocasionada pelo novo coronavírus (COVID-19), verifica-se que as jornadas migratórias (KNOWLES, 2014) nas cidades brasileiras foram dificultadas. O projeto de melhorar de vida por meio de um deslocamento migratório (MACIEL, 2013) foi adiando ou se realizou sob o medo de não conseguir trabalho no espaço de destino considerando o novo cenário econômico. Retornar para o local de origem doente e infectar pessoas próximas também passou a preocupar os migrantes. Dessa forma, compreende-se que a pandemia da Covid-19 aprofundou a condição de sofrimento dos migrantes nas cidades já destacada na literatura pertinente.

Este ensaio traz apontamentos reflexivos sobre os impactos da pandemia nos deslocamentos migratórios, numa perspectiva ampla, inspira-se em dados de pesquisas recentes e um trabalho etnográfico da autora que se desenvolve atualmente por meio digital.

Diferentemente, da citação da canção “Encontro e Despedidas” de Milton Nascimento e Fernando Brant, partir sem ter planos não faz parte da narrativa contemporânea dos trabalhadores migrantes, e não se pode voltar quando se quer. Considera-se nesse ensaio que uma gama desses trabalhadores migrantes nacionais e estrangeiros em nossas cidades de diferentes escalas, vivenciam a normalidade do risco, condição apenas aprofundada durante a pandemia. Como posto por Santos (2020, p. 17), neste momento a questão passa ser “morrer de vírus ou de fome”.

São Paulo e os deslocamentos migratórios durante a pandemia: entre a “dor necessária” e a “dor da necessidade”

E assim chegar e partir
São só dois lados da mesma viagem
O trem que chega é o mesmo trem da partida
A hora do encontro é também despedida
A plataforma dessa estação
É a vida desse meu lugar

(Encontros e despedidas – Milton Nascimento e Fernando Brant (1985).

As cidades brasileiras, principalmente, a de médio e grande porte cresceram nos últimos cinquenta anos em decorrência da entrada de contingentes migrantes. Estados brasileiros como São Paulo vivenciam em seu território diferentes modalidades migratórias das quais se destacam nos últimos anos: as migrações temporárias de nordestinos, para as colheitas agrícolas no interior de São Paulo e trabalhos na construção civil ainda na capital; os deslocamentos de refugiados e imigrantes

“econômicos” de rotas consolidadas, como haitianos, coreanos, bolivianos à venezuelanos recém-chegados. Em maior ou menor medida todos os migrantes vivenciam a dupla ausência e o sofrimento característico do paradoxo da migração, conforme destacou Sayad (1999). Partir é normalmente uma necessidade econômica e simbólica, e não uma escolha, pois considera-se que no local de origem não se pode mais melhorar de vida (MACIEL, 2013).

Pesquisas recentes apontam que em diferentes estados brasileiros, receptores de mão de obra migrante, houve alterações na movimentação dos migrantes ocasionada pelas perdas econômicas no período da pandemia (BAENINGER; DURVAL, 2020). Quando se verifica o caso paulistano, Baeninger et. al (2020) esclarece que na capital os migrantes de diferentes nacionalidades já encontravam dificuldade de se empregarem antes da pandemia. No grupo dos empregados as autoras apontam que eles se ocupavam no setor de comércio e serviço e seus rendimentos estavam abaixo do necessário a subsistência. Já durante a pandemia a situação de precariedade se intensificou e poucas foram as remessas enviadas aos países de origem pelos respondentes da pesquisa realizada pelos autores. Desta maneira minguiaram-se também as relações mantidas com os países de origem, a solicitação de “ajuda” foi menor, a questão da saúde e segurança alimentar passou a ser a principal preocupação dos migrantes internacionais.

No caso das migrações internas, em particular as temporárias – em que a autora desse artigo dedicando há pelo menos 10 anos – observa-se que os trabalhadores rurais do nordeste brasileiro continuaram migrando para os trabalhos agrícolas oferecidos no interior de São Paulo. Na contramão da crise o setor de cítricos, por exemplo, cresceu durante a pandemia, e conseqüentemente este passou a contratar mais mão de obra migrantes. O Fundo de Defesa da Citricultura (Fundecitrus), registrou um aumento de 35% em 2020, se comparadas com a anterior.

No período da pandemia, os trabalhadores rurais migrantes do setor de cítricos, no interior de São Paulo, em especial os nordestinos, mantiveram certas relações dúbias com o risco em relação à saúde. O medo a miséria, ocasionada pela triste lembrança de uma vida sem trabalho, apresenta-se como mais forte do que o adoecimento por Covid-19. Dessa forma, os trabalhadores migrantes continuam atuam nas safras do interior de São Paulo. Em 2020, em dezembro, quando retornaram para suas origens, muitos foram acusados de “levar a Covid” para suas cidades.

A Figura 1 apresenta a chamada de uma notícia sobre o caso da cidade de Jaicós no Piauí, onde os migrantes foram responsabilizados, no nível das focais locais, por levar a Covid-19 para o município. A notícia fazia menção a uma fala do prefeito, que sem citar o nome da localidade, informou que uma pessoa suspeita de covid-19 residia na zona rural do município, e o filho havia chegado de Matão, possivelmente infectado.

Figura 1: Portal de Notícias 180



Fonte: Portal 180. 2020.

A circulação das informações é uma constante em processos migratório, sejam elas falsas ou verdadeiras. Quando realizada a partir da estrutura social “fofoca”, uma dimensão necessariamente vinculada ao controle comunitário dos indivíduos, são diversas as violências simbólicas cometidas. Estas evidentemente não deixam de ser dolorosas para os envolvidos.

Sayad (1999, p.14) compreende que “a emigração” deve ser realizada e vivida necessariamente na dor, uma dor compartilhada entre os que partem e os que ficam”. Para o autor a migração se realiza na renúncia ao grupo de origem, e na percepção daquele que sai, da ilusão do retorno. O migrante para estancar a dor da ausência elabora a ideia da “estática”, para não reconhecer que o tempo modifica todos os pares.

Pontuou ainda Sayad (1999) que em muitas culturas, o retorno é o elemento constitutivo do imigrante. Isso exige que ele tenha que lidar com a “nostalgia tipicamente temporal”, como se o “tempo fosse reversível e pudesse ser percorrido em sentido inverso” (SAYAD, 2000, p. 14). Na realidade é que “não há presença em um lugar que não se pague com uma ausência em outro lugar” (SAYAD, 2000, p. 15).

Tal condição do migrante o coloca frente a comunidade de origem com um “ser duvidoso” diversos atentados a moralidade dele marca a experiência de deslocamento. Para aqueles que ficam, em particular as mulheres, no nordeste brasileiro são reconhecidas como “viúvas de maridos vivos”, ir para o “mundo” pode significar o rompimento definitivo de laços construído na vivência cotidiana.

Soma-se a dor moral e psíquica, as doenças laborais adquiridas nos destinos migratórios. O “desgaste” e “descarte” se apresenta como nova condição desses trabalhadores na ordem atual, pouco assegurados pelo Estado brasileiro amargam suas dores adquiridas na busca por melhorar de vida. Na volta aos locais de origem adoecido, o sentimento de vergonha se equipara a desqualificação social nos termos de Paugam (2003) e na desilusão do empresário falido, se considerarmos as subjetividades emergidas no sistema neoliberal, como destacado por Dardot e Laval (2016).

Contudo, há de se destacar que, conforme, citado por Le Breton (2018), a dor assume um condicionante cultural relevante. Considerando que os migrantes hoje comungam de diferentes cenários simbólicos, há de se investigar com o sofrimento tem se manifestado para diferentes os grupos. Mas, sabe-se que historicamente é reservado ao migrante o não-lugar. O ser que não é “daqui” nem de “lá”.

No caso dos migrantes nordestinos em São Paulo, a dor física no processo de trabalho, recebe um uso positivo, ela pode ser lida como “força”, “aguentar o tranco”, “Cabra Macho” (MACIEL, 2018). Há nesse sentido um uso social dela, principalmente, na produção da identidade que deseja apresentar a comunidade de origem e ao empregador no destino migratório. Todavia, as longas jornadas de trabalho e contato com diferentes agrotóxicos, por exemplo, pode estar levando silenciosamente centenas de trabalhadores rurais migrantes a morte (MACIEL, PEREIRA, 2019). Na perspectiva dos imigrantes, o trabalho de Francisco (2018), destaca a invisibilidade do sofrimento do imigrante haitiano no Brasil, registra-se no Brasil inúmeros caso de violência física e simbólica contra os haitianos. Conforme destaca o autor a partir do trabalho de Souza (2004) relatais tais como a seguir, são comuns entre ele. “No ônibus percebo que as pessoas evitam sentar ao meu lado, já me disseram que aqui não tem lugar para estrangeiros e que a [presidente] Dilma tinha que mandar todo mundo de volta para casa”, conta” (SOUZA, 2014, apud, FRANCISCO, p. 109, 2018).

No entanto, reflete-se que durante a pandemia, para além do risco de adoecimento do corpo físico, e a eventual morte; considerando que é comum que os trabalhadores migrantes se estabeleçam no grupo de trabalhadores essenciais, a principal causa do sofrimento parece se apresentar entre os diferentes grupos de migrantes internos e internacionais, por meio da representação da imobilidade, ou seja, da impossibilidade de realizar o projeto de vida que incluía a migração que possibilitaria a melhora na condição de vida. Dessa maneira, para os migrantes, a vida passou a não se repetir mais na estação, parafraseando Milton Nascimento e Fernando Brant (1985) e os impactos diretos e indiretos da pandemia para esses trabalhadores ainda não são seguramente mensuráveis.

Considerações finais

Desta maneira, a partir das reflexões conjunturais a partir das pesquisas bibliográficas e empíricas, apresentadas acima, compreende-se que o momento vivenciado na pandemia aprofundou a dor, aqui considerada como sofrimento psíquico e físico, dos migrantes nas cidades brasileiras. Entende-se a partir de Sayad (2000, 1999) que os migrantes definidos como força de

trabalho em trânsito, vivendo na provisoriedade indefinida, foram durante a pandemia colocados frente a questão da imobilidade, o retorno ao local de origem por exemplo, representou uma ameaça a comunidade local, considerando os aspectos do vírus. Desta forma, a dor vivida nos processos migratórios atinge o migrante e seu grupo de origem. Intensifica-se a preocupação dos familiares do migrante, quando se sabe que seu ente querido está no epicentro da pandemia no Brasil, o Estado de São Paulo.

Fazer a vida por meio da migração é uma condição contemporânea mediada pela dor. O sofrimento se apresenta na filosofia ocidental, em particular na obra de Friedrich Nietzsche (1844-1900), com uma dimensão humana e necessária, para se atingir a felicidade, dessa forma, é necessário reconhecer que o sofrimento como parte do processo. Viver a vida implica dor, no entanto, restamos questionar sobre o condicionante econômico e políticos na transformação da dor em sofrimento na contemporaneidade e em particular em processos migratórios. Conforme dados da Organização das Nações Unidas (ONU) no mundo entre 2014-2018, cerca de 30 mil migrantes morreram em travessias dita irregulares ou ilegais. A dor nesse caso, apresenta sua pior face, a da violência e da destruição da humana, parece-nos que é baixo valor atribuído as vidas humanas no sistema econômico vivido.

Referências

- BAENINGER, Rosana. FERNANDES, Duval (org). **Impacto da Pandemia de Covid-19 nas Migrações Internacionais**. Campinas. Núcleo de Estudos da População (NEPO). 2020.
- BAENINGER, Rosana. Migrações Sul-Sul. In BAENINGER, Rosana; BÓGUS, Lúcia Machado; MOREIRA, Júlia Bertino et alii (orgs.). **Migrações Sul-Sul**. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp, 2018.
- BÓGUS, Lúcia; FABIANO, M L A. O Brasil como destino das migrações internacionais recentes: novas relações, possibilidades e desafios. **Ponto e Vírgula** - PUC SP - No. 18 - Segundo Semestre de 2015 - p. 126-145.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DOTA, Ednelson Mariano; QUEIROZ, Silvana. Migração interna em tempos de crise no Brasil. **Rev. Bras. Estud. Urbanos Reg.**, São Paulo, v.21, n.2, p.415-430, maio-ago. 2019.
- FRANCISCO, Milton. vozes inaudíveis (ou haitianos no rarefeito social). **Rev. UFMG**, belo horizonte, v. 25, n. 1 e 2, p. 104-123, jan./dez. 2018.
- KNOWLES, Caroline. **Flip-flop: a journey through globalisation’s backroads**. Londres, Pluto Press, 2014.
- LE BRETON, David. **Antropologia da dor**. São Paulo: Fap-Unifesp, 2013.
- MACIEL, Lidiane Maria. **O sentido de melhorar de vida. Arranjos familiares na migração rural-urbana para o interior de São Paulo**. Jundiaí, Paco. Editorial. 2013.
- MACIEL, Lidiane Maria. **Entre o rural e o urbano. Migração de trabalhadores do alto e médio Canindé piauiense para região Central do estado de São Paulo**. Jundiaí, Paco. Editorial. 2018.
- MACIEL, Lidiane Maria., & PEREIRA, Giovana. Gonçalves. (2020). Saúde dos trabalhadores rurais migrantes nas cidades do agronegócio paulista. **Campo-território: revista de geografia agrária**, 14(34 Dez.). <https://doi.org/10.14393/RCT143412>.
- NASCIMENTO, Milton; BRANT, Fernando. **Encontros e Despedidas**. Milton Nascimento. [1985]. Disponível em: [Encontros E Despedidas - YouTube](#). Acesso em 05 fev. 2021.
- PAUGAM, Serge. **Desqualificação social: Ensaio sobre a nova pobreza**. Tradução de C. Giorgetti e T. Lourenço. São Paulo: Educ & Cortez. 2003.
- PEREIRA, Giovana Gonçalves. Migrações e agronegócio espaços na citricultura paulista. **Tese** (Doutorado em Demografia) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.
- SANTOS, Boaventura de Souza. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.
- SASSEN, Saskia. **Sociologia da globalização**. Porto Alegre. Editora ARTMED. 2010.
- SAYAD, Abdelmalek. O retorno - elemento constitutivo da condição migrante. **Travessia. Especial. Revista do migrante**. CEM, ano XIII, número especial. Jan. 2000.
- SAYAD Abdelmalek, **La double absence. Des illusions de l’émigré aux souffrances de l’immigré**, Paris, Le Seuil, coll. Liber, 1999.